

## O conflito

*No debate com o islã, zombaria e sátira não ajudarão. A questão é: para que futuro pregamos nossos antigos valores civis?*

BOTHO STRAUß

**H**á algum tempo, Jean-Marie Le Pen foi multado na França em 10.000 euros por seu comentário polêmico de que em pouco tempo haveria no país 25 milhões de muçulmanos diante dos quais os franceses teriam então de desfilar de cabeça curvada.

Mesmo espíritos mais liberais chegaram a perguntar-se por ocasião dos atuais distúrbios, se, diante do quadro atual, os bem-sucedidos combates de resistência que a Europa cristã assumiu no passado contra o assalto do poderio árabe não teriam sido em vão. A parcela de população muçulmana de Amsterdã e de outras metrópoles, que tende a tornar-se majoritária, logo não precisará mais da nossa tolerância.

Para que futuro pregamos nossos antigos valores civis? Será que fomos acometidos de cegueira ou falamos com a língua dividida? Isto talvez não fosse nem sequer hipocrisia, mas expressão de uma sincera confusão.

Na história intelectual alemã houve sempre também o anseio oriental – houve, por exemplo, Nietzsche, que inspirava Carlos Martelo. Com suas campanhas antiárabes no século VIII, ele teria privado a Europa das bênçãos e riquezas da cultura sarracena e impedido a felicidade da nossa islamização. Será que, em seu profundo rigor anticristão, ele ainda teria mantido esse julgamento diante dos atentados terroristas dos jiha-

distas e salafistas? É perfeitamente imaginável. Nada se mantém mais implacável e zeloso que uma paixão anticristã.

Ninguém de consciência retilínea se deixará estimular e seduzir pelo rastro imundo do racismo e de seus derivados xenófobos. Mas quando jovens turcos alemães chamam no estádio de futebol nosso filho de “porco cristão”, isso assusta, mesmo quem antes ainda não se tenha sentido ou confessado cristão. Numa situação destas somos tomados por repulsa contra toda forma de injúria religiosa com todas as suas banais reivindicações de demarcação de território, ou até com sinais de ira reconquistadora.

No entanto, imediatamente segue o vacilante questionamento: predominância? No mais tardar em vinte anos o jovem jogador de futebol cristão também pertencerá em seu bairro à minoria cultural ou étnica (será que ainda se dirá assim então?). Seria interessante saber se os outros também teriam a mesma sensibilidade de ponderação entre tolerância e predominância quando forem maioria.

Por integração entendem-se entre nós [na Alemanha] principalmente ofertas de assimilação. O mais democrático seria a renúncia à identidade religiosa e à determinação pelos costumes. Para a formação e o progresso profissional,

seria recomendável a mentalidade e o modo de vida profana.

Por conseguinte, de qualquer modo o jovem, o cristão crente, a criança que conhece e se compromete com sua pátria pertencem a uma minoria insignificante. Seu patrimônio íntimo sofrerá mais ataques das pressões de adaptação, da busca desenfreada por vantagens e da mentalidade carreirista do que dos rigorosos seguidores do profeta. Na verdade, estes até deveriam fortalecer sua própria fé, porque se oporá a eles exatamente na medida em que lhe sirvam de exemplo.

Caso se estabeleçam regras para uma convivência pacífica na incompatibilidade, uma das primeiras deveria ser a de não se denunciarem os cristãos como “infiéis”.

Atualmente se luta em torno de uma outra regra: se é possível impor algum limite à liberdade de expressão. Ela já está em vigor na proteção ao indivíduo. Não é concebível por que tal proteção não poderia ser concedida também para a esfera sacra sem que com isso se pusessem em risco os direitos democráticos fundamentais.

Os religiosamente indiferentes já não vivem mais totalmente isolados entre si neste país. Por isso, a violação de sentimentos sacros ganha uma importância diferente do que na antiga República Federal (da Alemanha). Deveria ser tão

passível de punição quanto a afronta à honra.

Conforme já se descreveu muitas vezes, o islã extrai seu maior efeito da sua força de integração social. No entanto, na ocupação com o conflito político-espiritual perdem-se facilmente de vista suas vantagens seculares. Mesmo assim, os sistemas liberais com sua proposta de integração e suas exigências de assimilação sempre concorrerão com a integração intra-islâmica.

Em outras palavras, a suposta sociedade paralela é na verdade uma sociedade preparatória. Ela ensina a nós – mais dependentes do estado, da sociedade e do público que da própria família – a não-desagregação, a não-indiferença, a não-equivalência, a regulamentação das palavras, as hierarquias da responsabilidade social, a coesão em angústia e tribulação. É claro que, para o europeu ocidental esclarecido, é a própria fonte das trevas que mantém e organiza bem tal vida em comunidade.

Como especialista em crises passageiras, ele tem dificuldade em conviver com um conflito duradouramente insolúvel. Com o seu senso de transitoriedade, ele sucumbe justamente diante dessa durabilidade. Pouco o ajudará se (intermediária e transitoriamente) ele encontrar novas fontes de religiosidade em seu mundo. Geralmente param de jorrar

logo depois de uma convivência eclesíastica. Por outro lado existe uma chance de inspiração e de influência indireta proveniente da imediata proximidade de uma potência sacra estranha e oponente.

No entanto, conviria que ela nos provocasse a algo mais do que zombaria e sátira. Nessa concorrência importa trazer a campo o que tivermos de melhor e redefini-lo ou reavivá-lo: sobretudo a capacidade de diferenciação, o anseio pela beleza marcado pela grande arte europeia, a reflexão e a sensibilidade – tudo dons intelectuais e espirituais que na atual sociedade ocidental gozam de pouca importância e pouco prestígio.

Afinal, não somos apenas uma sociedade secular, mas em grande medida também desespirtualizada. Isso não facilita o “diálogo”. É verdade que, para a sociedade preparatória, mesmo o nosso melhor não seria hoje nada mais que heresia; no entanto – se algum dia vier a existir uma Toledo global, pelo menos um breve florescimento de sinergias entre Ocidente e Oriente, o caminho para lá certamente passaria menos pelos mercados mundiais, as inovações tecnológicas, os costumes e as modas, mas novamente pela aproximação e a disputa entre as culturas escriturais.

O conflito não tem solução, mas em compensação está clara-

## EM FOCO

mente definido e encerra o período da “confusão”. Com a sensibilização ocidental por um insuperável antagonismo sacro/secular, o voluntarismo dominante, o sincretismo e a indiferença/equivalência entraram em crise. Talvez se possa até dizer: ficaram para trás. Foi um tempo de debilidade!

BOTHO STRAUß é escritor e dramaturgo alemão. As obras dele pertencem às mais estreadas nos palcos da Alemanha.